

CURT NIMUENDAJU, VULTO DA ETNOLOGIA BRASILEIRA

Gilberto Emílio CHAUDON

Na vasta galeria de homens ilustres, dentre os estudiosos que, no Brasil, se debruçaram sobre os diversos aspectos de suas áreas de investigação, um existe que se mantém quase esquecido dos brasileiros, inclusive entre os cientistas atuais, talvez devido à própria natureza de seu trabalho num campo palmilhado por poucos.

Referimo-nos a Curt Nimuendaju, que deixou uma obra importante no campo da Etnologia, com incursões pela Geografia e pela Lingüística. O coroamento de sua obra foi, reconhecidamente, o seu **Mapa Etno-Histórico** no qual, segundo nos diz Luiz de Castro Faria, do Museu Nacional, “estão reunidos o artesão e o etnólogo. Ele representa o trabalho que ninguém mais poderia realizar”. O próprio Curt Nimuendaju nos diz: “O mapa não se baseia em trabalho etnográfico de nenhum outro autor; as bibliografias, as informações particulares e os estudos e minhas observações pessoais a respeito foram acumuladas durante decênios. A classificação lingüística da quase totalidade das tribos, lingüisticamente documentadas foi examinada ou mesmo feita por mim. Só em alguns casos em que o material não me foi ainda acessível adotei a classificação de autoridades como Rivet, Koch-Grünberg, etc.”

Por esta introdução, já tomamos conhecimento da natureza da obra de Curt Nimuendaju. Agora, analisemos mais de perto a personalidade do autor, seu campo de trabalho e o desenvolvimento do mesmo. Para esta tarefa nos valeremos da publicação da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com a colaboração da Fundação Nacional Pró-Memória, editada em 1981, com o título **Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju**. Aí vamos encontrar dois excelentes esboços biográficos escritos por Virgílio Corrêa Filho e Luiz de Castro Faria, o primeiro deles

já falecido, além de abalizados comentários sobre a “Cartografia do Mapa Etno-Histórico”, sobre a “Ortografia dos nomes tribais” incluídos no mesmo, e o “Significado da publicação do Mapa para a Antropologia brasileira”.

Quem foi Curt Nimuendaju? Sua biografia, reduzida ao mínimo, quem a fornece, a pedido de Herbert Baldus, é o próprio. Herbert Baldus, alemão de nascimento como ele, em 1939 se achava empenhado em reunir o máximo de dados sobre autores e publicações para compor a sua notável **Bibliografia crítica da Etnologia brasileira**.

Assim se expressou então Curt Nimuendaju: “Quer que lhe mande uma história de minha vida? É simples. Nasci em Iena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente até 1913 São Paulo, e depois Belém do Pará, e em todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações, das quais enumerei na lista anexa aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho.” - Não poderia ter sido mais sucinto, para uma existência tão fecunda.

A fase européia da existência daquele que pelo batismo se chamou Curt Unkel, quase não nos é conhecida. Sabemos, contudo, que aos 16 anos tornara-se aprendiz de mecânico-ótico da empresa Zeiss; nessa profissão deve ter adquirido habilidade manual fora do comum; em ritmo lento e bem compassado de trabalho com materiais de pequena escala. Por ele mesmo ficamos sabendo que nasceu em Iena, na Alemanha, em 1883, e que não freqüentou a famosa Universidade que desde o século XVI permitia a formação de sábios em vários ramos do conhecimento humano. Frequentara apenas o curso secundário, e seria, portanto um auto-didata. Deixou sua terra natal aos 20 anos em busca de aventuras, e cruzou o Atlântico, provavelmente incluído numa leva de imigrantes. Decidiu permanecer em São Paulo, apartando-se da maioria dos companheiros de travessia atraídos, por vínculos raciais, para os Estados do Sul, onde a imigração alemã era significativa.

Também não temos notícias de como decorreram os dois primeiros anos de adaptação em nosso país. Seu primeiro feito, confidenciado em “Lenda da Criação e do Juízo Final”, nos é revelado com estas palavras: “Conheci o guarani em 1905, no Oeste de São Paulo, e vivi em suas tabas, com poucas interrupções, até 1907, na cidade de Batalha, como um deles.”

Fizera, portanto, sua opção. Viver no meio dos índios brasileiros, conhecer-lhes a língua e os costumes, e ir, desta maneira, estudando-lhes a psicologia, acabando por se afeiçoar de tal sorte, a ponto de captar-lhes a confiança sem a qual não poderia entrar no segredo de suas práticas religiosas. Submeteram-no os indígenas à cerimônia do batismo, como qualquer criança da tribo, presidida pelo pajé, ocasião em que recebeu o nome de NIMUENDAJU, pelo qual passaria a ser conhecido pelo resto da vida. Esse nome significa “o ser que cria ou faz o seu próprio lar.” Aí temos, a partir desse momento, Curt Unkel integrado à vida comunitária dos indígenas, por um ato voluntário e consentido, que iria se estender ao longo de 40 anos, totalmente dedicados ao estudo das nossas comunidades indígenas. Empenhar-se-ia em avaliar-lhes as características psíquicas pela compreensão de suas aspirações coletivas, suas superstições e seu comportamento diário e nas ocasiões extraordinárias. Menos lhe interessariam a medição dos índices antropométricos dos indivíduos. O resultado, para o mundo civilizado, seria uma vasta obra de perpetuação da memória dos mitos e lendas de um sem número de tribos através de estudos e monografias publicadas em várias revistas científicas e coroados pelo seu monumental Mapa Etno-Histórico.

A biblioteca de Curt Nimuendaju, constituída por 973 títulos, bem como o seu arquivo de inúmeras notas, informações e croquis, foram adquiridos, após sua morte, pelo Museu Nacional, onde se acham depositados.

Quanto mais estudava a psicologia indígena, mais se afeiçoava Nimuendaju àquela gente necessitada de assistência e proteção. A partir de 1911 alista-se entre os colaboradores do Serviço de Proteção aos Índios, cujos propósitos humanitários harmonizavam-se aos seus próprios, e, assim, passou a prestar-lhe seu abnegado concurso. Frequentou os postos indígenas “a principiari pelo de Araribá (dos Caingang) em São Paulo, viajando, estudando, escrevendo, construindo enfim uma obra que abrangia toda a ologênese cultural das tribos que visitou”, no dizer de Nunes Pereira ao recordar a vida e os trabalhos de Nimuendaju perante o Instituto de Etnologia e Sociologia do Amazonas.

Somente a partir de 1914 começaram a divulgar-se seus estudos em revistas especializadas, de Berlim, Viena, Paris, Stuttgart, etc., que se consagravam à Etnologia. Eram, na maioria, vocabulários do linguajar desconhecido dos Apopocuva, dos Manajé, dos Timbira, dos Parintintim e

dezenas de tribos da Amazônia para onde o levou sua curiosidade científica por volta de 1913.

Confidenciou Nimuendaju: “freqüentei, com predileção, a companhia dos velhos, e, de modo especial, a dos pajés (médicos) e me fiz instruir durante horas seguidas sobre os mistérios da velha religião. Até hoje eles se mostram orgulhosos de seu aluno”. No final desta frase ressuma uma pontinha da satisfação interior pelo trabalho a que dedicou sua vida!..

Percorreu Nimuendaju, insensível ao cansaço, vastas regiões do território brasileiro, a serviço ora do Museu Nacional, do Paulista, do Paraense, ora para os Museus estrangeiros, de Gotemburgo, Dresde, Hamburgo, Leipzig, para a Carnegie Institution ou para a Universidade da Califórnia.

Para melhor definir as diferentes tribos indígenas, foi preciso localizá-las com a maior aproximação possível. Isto deu origem a uma imensa série de esboços científicos e mapas que acompanhavam cada reconhecimento de nossos sertões. Essas explorações - “um périplo espetacular de cientista ao longo da costa e do interior do Brasil” - permitiram que Nimuendaju, como topógrafo e cartógrafo, enriquecesse as mapotecas de nosso país com trabalhos de reconhecida valia.

Sua contribuição à Geografia é, pois, outro fruto da inteligência desse auto-didata munido, contudo, da severa auto-disciplina tão inerente aos de sua origem. Foram três os “Mapas Etno-Históricos” desenhados por Nimuendaju: o primeiro da série, elaborado em 1942 para o Smithsonian Institution, o segundo, em 1943, para o Museu Paraense Emilio Goeldi, e, finalmente, o último, em 1944, para o Museu Nacional, como parte de um acordo feito com a direção desse Museu.

Em julho de 1943 Nimuendaju viera ao Rio a convite do Marechal Rondon para assumir a chefia das investigações etnológicas que o Conselho de Proteção aos Índios tencionava empreender. Porém, um problema de saúde se apresentou.

Em carta dirigida ao amigo Robert Lowie revela Nimuendaju: “Fazendo porém os necessários exames gerais, análises, etc., os médicos chegaram à conclusão que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e de convivência com os índios.” A Alfred Métraux confidenciava em carta da mesma data (6 de novembro de 1943): “Portanto, depois de quase 40 anos, a minha atividade em convivência com os índios

chegou ao seu fim quando eu menos o esperava. O Sr. compreenderá como isto me entristece, sabendo como sabe que essa vida era toda a minha satisfação. (grifos nossos) Além do que eu pensava de fazer ainda muitas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas.” E se lastima com Lowie e com Herbet Baldus: “Parece-me impossível que eu não veja mais os campos dos Canela, banhados pelo sol, nem as matas sombrias dos Tukuna. Mas terei de conformar-me, tratando de começar uma nova vida.” Mas infelizmente essa vida tão útil e proveitosa se extinguiria, súbita e inesperadamente, no dia 10 de dezembro de 1945, entre esses mesmos Tukuna, seus amigos de longos anos.

A nova vida de Curt Nimuendaju se encetou com o acordo firmado com o Museu Nacional, no qual, mediante um “modesto ordenado mensal”, se comprometia a realizar uma série de trabalhos, principalmente tradução, anotações e revisão de seus manuscritos. Assim, em novembro de 1943 regressou Nimuendaju ao Pará, com o compromisso inicial de dois trabalhos: aprontar para publicação um manuscrito sobre os índios Canela, do Maranhão, e fazer uma mapa do Brasil e regiões adjacentes com a localização de todas as tribos de índios conhecidas, desde a descoberta até aquela data.

Em carta datada de Belém aos 29 de setembro de 1944 e dirigida a Heloisa Alberto Torres, então Diretora do Museu Nacional, o nosso biografado assim se expressa: “Comecei o trabalho do mapa no dia 5 de setembro. Vai progredindo devagar porque não agüento mais que umas cinco horas por dia na posição forçada a que o tamanho do mapa obriga. Creio que estará pronto até o fim do ano. Quando o mapa chegar no Museu a Snra. me dirá se isto é ou não um trabalho de 4 meses.”

“Trabalhando com uma imensa quantidade de documentos, a fim de captar os objetivos do autor, e cotejando os mapas de 1943 e 1944, a evolução e dinâmica que cunharam a feitura do mapa ficaram muito claras” - é o que nos dizem Charlotte Emmerich e Yonne Leite, do Museu Nacional, em sua resenha “A Ortografia dos nomes tribais no mapa Etno-Histórico de Curt Nimeundaju”. Em carta de 22 de dezembro de 1944, o próprio autor do mapa confirma a preocupação de atualização, esclarecendo: “... As informações do Sr. Galvão, bastante valiosas, chegaram quando a embalagem do mapa já estava feita, faltando apenas algumas horas para o despacho. Contudo, ainda fiz as modificações de acordo com os dados dele, incluindo

o seu nome no Índice Bibliográfico (que abrange também os informantes particulares) e no Índice de Autores.” - Testemunho da honestidade científica e do rigor técnico de Nimuendaju!

Testemunho de modéstia, além de honestidade científica, é o que Nimuendaju nos oferece também na sua observação nº 5 ao Mapa: “Pela sua natureza o Mapa não pode representar um trabalho definitivo mas apenas uma tentativa que possa servir de base para trabalhos futuros. Devia ser completado e corrigido constantemente, de acordo com os dados que vão chegando.”

Em sua resenha “A Cartografia do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju”, Rodolfo Pinto Barbosa, cartógrafo do IBGE, nos revela: “Não é fato material de lançar à nanquim, laboriosa, delicada e caprichosamente, uma linha num papel de desenho, com dois por dois metros, já repleto de símbolos, representando rios, litoral e nomes que valorizam aquela obra. Aí está o artesão, que Curt sempre foi, paciente e cuidadoso, repetindo-se no gesto mas criativo no que faz - nenhum dos três mapas são iguais - mas, sobretudo, porque aquele traço final foi o resultado de uma vida inteira, identificando e localizando um milhar e meio de tribos indígenas, classificando suas línguas, anotando seus hábitos e coligindo seus utensílios. Ai temos o pesquisador, dedicado, metuculoso e estudioso.”

Dizemos nós: eis aí o auto-didata - alemão de nascimento, brasileiro por adoção e índio por identidade e afeição - que, com seu obscuro e obstinado trabalho conseguiu legar uma obra de importância reconhecida por grandes nomes internacionais, tais como Nordenskjold, Rivet, Métraux, e que mereceu a admiração de seus contemporâneos, como Herbert Baldus, Heloisa Alberto Torres, Rondon e tantos outros.